

Astolfo Marques

(Da Academia Maranhense)

NATAL DO RUFINO

(QUADROS)

E

O MENINO DEUS

∞ Versos ∞



Timbre

NATAL

349

Do autôr

POR AMOR...—romance de Paul Bertnay. Tradução. 1 vol. Maranhão, 1903. Edições d'A *Revista do Norte*.

A VIDA MARANHENSE, contos, 1902—1904, 1 vol. Maranhão, 1905.

DE S. LUIZ A THEREZINA, notas e impressões de viagem. No *Diário do Maranhão*, agosto—1906.

O MARANHÃO POR DENTRO, revista de acontecimentos maranhenses, em 1 ato e 3 quadros. Muzica de Ignacio Cunha. Representada no Teatro S. Luiz, em 30 de maio de 1907. Maranhão.

—No prélo:

SELECTA MARANHENSE ou Coletanea de trêchos, em prosa e em verso, de 45 escritores filhos do Maranhão, precedidos da respectiva biobliografia completa. 1 gr. vol. cart., com retratos.

—A entrar no prélo:

ESBOÇOS E QUADROS, 1905-1908, 2.ª e 3.ª séries do vol. publicado com o título *A vida maranhense*, 2 vols.

O LIVRO DUM AMANUENSE, retalhos e notas, 1 vol.

—Em conclusão:

AS FESTAS POPULARES MARANHENSES, narrativa historica, 1 vol.

62: 50

Astolfo Marques

(DA ACADEMIA MARANHENSE)

BAM
869.93
m 3572

João Victor Ribeiro
1981

Natal

(Quadros)

~~BI~~ ~~TECA~~ **SOTERO DOS REIS**
de JOÃO VICTOR RIBEIRO
de de 19.....
S **ECÇÃO** *Sociologia*
GRUPO *13*
N. *349* **PAG.** *1060*
F. C. *2800*

1908

TIPOGRAVURA TEIXEIRA

Maranhão

O prezépio do Nicoláu



Fazia já vinte e cinco anos que o Nicoláu se esmerava em preparar com todo esplendor e requinte o seu prezépio.

Todos os anos, era aproximar-se o Natal, e já um novo melhoramento se lhe deparava a introduzir na abobadada gruta, onde, entre montanhas de tabatinga, incrustadas de cascas de mariscos—pseudo pedrarias—e o matagal em que a flora se manifestava variegadamente, na lapinha, se salientava a minúscula imagem do Deus Menino, duma beleza artistica admiravel.

Naquelle ano, o Nicoláu celebrava o jubiléu do seu prezépio, e o brilhantismo de que elle queria revesti-lo ecoava já tronoantamente pela cidade. Se nos anos anteriôres, imaginava, quaze toda população

sanluizense acudia com fervôr a vizitar o belo prezépio, sendo todos unânimes em dar-lhe a primazia pelo esplendor, quanto mais no ano jubilar, em que antecipadamente estava tudo preparado para fulgurar pompozamente !

Semanas antes do Natal, era já de vêr a atividade do homem pósta em prática, no preparo, com galhardia, do «Babilonia», que era como elle denominava o prezépio.

O velho Cunha fôra chamado para pintar um novo céu. O mestre Antonio, carpina, encarregára-se de, com os seus dicipulos, organizar um novo balcão, tecendo-o enjenhozamente com ramos de murta e musgo. Da quinta «Itamacáca» vieram manguinhas verdes, araçás, jambos vermelhos, cachos de pitomba, araticuns e outras frutas, tudo para fazer parte da floresta do «Babilonia». Para substituir a esteira, que anualmente se estendia pelo chão da sala, fôra alugado um rico tapête na casa do Arêas.

A propria imagem do Deus Menino fôra caprichozamente reencarnada.

E uma senhora, comadre do Nicoláu, ofertára á imagem um valiozo cordão d'oiro.

Além dos festejos do costume, nesse ano o prezepista contava mais com outros,

notadamente as vizitas dos pastôres do *Monteiro* e do mestre Avelino, nos dias de Natal e de Ano-Bom, e dos reis da «Perpétua» e da «Sempre-viva», no dia de Reis.

Os padrinhos do «Babilonia», que eram pessoas abastadas, dessas que nunca fazem feio, além da joia, uma respeitável soma que deram para a missa em louvor do Deus Menino, autorizaram a caza do Antonio Dedinho a vender ao Nicoláu, por conta delles, o que este precisasse para a festa.

O que, porém, consumira mais fortemente o espirito do prezepista fôra um reservatorio, o qual deveria fornecer agua ao chafariz, instalado á esquerda da lapinha. Sem dezanimar um só instante, depois dum trabalho insano, com o auxilio do seu vizinho Filomeno, que trabalhava em encanamentos, na Companhia das Aguas, ás sete horas da noite da vespera do Natal o reservatorio estava assentado, havendo saído tudo conforme imaginára. Era de fórma dupla. Dois barris de décimo, colocados por detrás do prezépio, deixando cair o de cima agua para o chafariz, e servindo de receptor o que ficava no sólo. Enchendo-se, á noitinha, o de cima, o chafariz poderia funcionar durante a noite. Era o *clou* do «Babilonia», nesse ano; e logo que rompêsse

a cortina, no momento da «abertura do prezépio», o chafariz estaria a jorrar agua, apresentando um aspécto feérico pelas lanternas de vidros de côres que o circundavam.

Por isso, com todo esse estrondoso preparativo, e pela tradição que acompanhava o «Babilonia», na vespera de Natal, ao troar da meia-noite, a casa do Nicoláu estava apinhada de gente, que ia assistir á festa da abertura do seu prezépio. Do interior da Ilha, por onde o Nicoláu tinha extraordinaria ramificação compadrêsa, acorrêra um pessoal avultado, que matutamente ia cedendo os melhores logares ás pessoas da cidade.

O Raimundo Agostinho prometêra levar, depois da missa do galo, uma orquestra, para dar aspécto mais solene á cerimonia. E era só por quem se esperava para dar começo á festa.

*
* *

Passava já de meia noite, quando os foguetes estridularam.

A orquestra chegára e aprestava-se para a execução.

O Salú perfilava-se já diante do pre-zépio para cantar a ladainha.

As moças que estavam mais á frente genuflexavam-se, quando o Nicoláu, todo rizonho e místico, pedindo meigamente licença, foi, irrompendo através da multidão, colocar-se no seu posto de honra, ao lado dos padrinhos, mãos aos cordeis da cortina, pronto ao primeiro sinal, que seria a execução do hino. A mulher do prezepista, por outro lado, depois de passar ao marido o fogareiro de incenso, procurava naquella «Sé dentro da Misericordia» dar acomodação confortavel a todos, de modo que ninguém deixasse de observar a cerimonia.

—Pronto? pergunta o Raimundo Agostinho.

—Quando quizer ! respondeu, ufano, o Nicoláu.

E, assim que o hino foi executado, a cortina foi-se rompendo mansamente. O «Babilonia» foi aparecendo, ao mesmo tempo que parte do seu tétó foi derruindo e a agua inundando o santo, a lapinha, os pés dos assistentes, toda a sala atapetada, enfim.

O barril, que servia de rezervatorio na parte superior, largára o fundo e a agua alagava a sala, provocando a debandada.

O Nicoláu, perplexo e nervôzo, em vão procurava evitar a retirada dos convivas com os pés encharcados. Os muzicos treparam nos bancos onde se sentavam e, como um ultimo apêlo aos convidados para não abandonarem o recinto, bizava a execução do hino, emendando-a para uma valsa, uma polka, uma habaneira ou mazurka.

A mulher do prezepista, com sacos de estôpa á mão para enxugar a agua, suplicava lacrimějante que não se retirassem, ao mesmo tempo que o marido, com uma garrafa de cana-capim, oferecia um trago a quem não se quizesse constipar.

Tudo debalde.

A caza do Nicoláu e o seu «Babilonia» eram abandonados, cada qual, ao saír, murmurando uma praga.

O Conrado, cearense, chegando á porta da rua, já de saída, virou-se para as poucas pessoas que ainda estavam na sala e, rodopiando na mão o seu chapéu de carnaúba, comentou :

—E *disque* que foram os cearenses que botaram Jesus Christo na jangada ! E esse banho que deram no Deus Menino, ainda bem não tinha nacido ? !...

E retirou-se bruscamente, enquanto a

orquestra, fazendo jús á boia da «meia-noite», cujo penetrante cheiro vinha lá da varanda da caza, a aguçar o estomago, abafava o ruido da evazão e das sarcásticas palavras do cearense, executando uma nova valsa, composição do Lavrador da Serra.

EM PAZ



As festas do Natal, naquelle ano, tinham a sua munificencia de quando em vez perturbada pelo aguaceiro, que dezbava atroante e prolongadamente.

Copiozas e fertilizadoras haviam sido as chuvas da Conceição e, no interior, os semeadores, bendizendo-as como salutar prenuncio dum inverno farto e produtivo, debatiam-se contentes pelo auspiciozo acontecimento.

Máu grado, porém, esse aguaceiro quase perene, as festanças do Nascimento multiplicavam-se por toda a cidade.

O clou dos festejos era a representação, no Teatro S. Luiz, dos pastores liricos do Raiol, que para lá atraíam a sociedade culta da terra.

A rapaziada—estudantes e caixeiros, no auge dum entusiasmo abraçado e espalhafatozo, palmava aplaudindo, febricitante, as graciosas pastorinhas, que se exibiam a castanholar e chocalhar os pandeiros, todas encantos e doçuras, no amplo palco onde se erguiam, numa beleza mística e santa, montanhas e floridos bosques.

E tão fulgente e majestozo era esse entusiasmo que dois partidos, fortemente arrejimentados, se constituíram—o do Guia e o do Pastor-mestre.

Logo que anoitecia, era de vêr os ardorosos partidarios cerrando fileiras, a postos, conduzindo a mancheias flôres de especies raras e odôr delicado e suave para engri-naldarem, no palco, as suas idolatradas patronas.

A' aparição de qualquer das duas homenageadas, irrompiam das duas hostes aplauzos estrujentes e fervorozos, cada qual mostrando-se mais empenhada em evidenciar a sua admiração, a fulgurancia do seu prestijio.

Nos intervalos da representação, no salão inferior, nos corredores e nos botequins, a discussão sobre qual das duas pastoras melhor bailava, ou qual era senhora de mais encantadora voz, tornava-se crescente,

chegando a produzir, muitas vezes, a degladição.

Numa noite, entre Ano Bom e Reis, partidarios exaltados voltavam de conduzir entre troféus e aos estrepitозos sons de delirantes vivas, as suas patronas até ás respectivas moradas, deixando juncadas de flôres as janelas e portas.

Encontrando-se, na praça da Alegria, surjiram provocantes, de cada lado, estri-dentes vivas e aclamações ao Pastor-mestre e ao Pastor-guia.

E depressa engalfinharam-se, brandindo as bengalas com fragor tão intenso que provocou a debandada, depois duma assuada que despertou toda a praça e cercanias.

*
* *

No dia seguinte, um dos moradores da praça, que servira de teatro aos disturbios, foi comunicar á autoridade distrital a assuada e, por uma perversidade inaudita, afirmou-lhe haver sido ella provocada exclusivamente pelo Ismael Raposo.

O incriminado era um rapaz dos seus quarenta anos, muito ciozo de si, desses homens rudes e francos incapazes de dissi-

mular por muito tempo os seus sentimentos.

Emérito conhecedor de seu officio, o Ismael trabalhava de sapateiro no corredor da sua residencia, na mesma praça, e pelo seu trato afavel e carinhoso, ao extremo, chamára a si numerosos amigos.

Inimigos, se os tinha, eram gratuitos e anônimos, invejosos da sua vida de rozas e da avultada freguezia que elle lograra alcançar. Leal e sincero, nunca se lhe ouvira proferir uma palavra de rancôr.

A mais viva preocupação do Ismael era viver em paz com os homens. E semelhante maxima se lhe arraigára tanto no espirito que muita gente o conhecia já pelo mais dedicado dos pacificadores mundanos.

Foi, portanto, com a maior surpresa que elle recebeu, por um policial, intimação para comparecer perante a autoridade.

Ficou embasbacado, atonito, mas não recalcitrou. O que fôsse soaria.

Pelas cinco horas da tarde, acompanhado do seu fiel e inseparavel amigo Clarindo da Luz, tambem sapateiro, acorreu ao chamado.

O Clarindo deixou-o á porta da autoridade intimante e, numa quitanda, á esquina, aguardou o resultado. Se o Ismael fôsse

prezo, elle iria á pressa ao seu compadre Macêdo, official da secretaria de policia, e arranjaria as coizas, contanto que o amigo não dormisse no xelindró.

Ismael Rapozo apresentou-se á ordenança, no corredor, que fê-lo subir.

—Saberá Vossa Senhoria que eu estou ás ordens.

Assim se expressou elle, humilde, mas com ar sereno, ao major Jayme Freitas, o subdelegado do distrito.

O major era um homem ríspido e sagaz e sabia conciliar, com rara perfeição, o exercicio dos seus dois cargos—subdelegado de policia e conferente da alfandega. Ninguém lhe levava a palma, quer na argucia que revelava em esmiuçar pacientemente se os incriminados eram ou não delinquentes, quer nas classificações a que sujeitava, na repartição aduaneira, as mercadorias rigorosamente de acôrdo com os artigos da tarifa.

Ao encarar o denunciado, o Jayme Freitas franziu a testa e, ajeitando os óculos, inquiriu :

—Então você é que é o tal Ismael, o perturbador do secêgo publico, o galo de campina da praça da Alegria ? !

—Saberá Vossa Senhoria, respondeu,

que eu estou em paz com os homens, e se vim aqui, a chamado, desconfio ser tão sómente por alguma calunia.

—Veremos ! disse o subdelegado, sorvendo uma pitada. E acrescentou :—Vocês, quando aqui chegam, são todos uns inocentes, uns santinhos. Entretanto, a cadeia está cheia. Mais aposto em como já sabe de que é acuzado, não ?

—Se a Vossa Senhoria dá licença, falou o sapateiro, eu repito e môrro jurando que estou inocente. Se d'alguma coiza foi Vossa Senhoria sabedor, com perdão da palavra, foi por izona; foi por calunia, coiza de que a Vossa Senhoria mesmo, não comparando mal, não está livre.

O Jayme Freitas levou ao aquilino nariz nova pitada e gozou-a, num espirro trombonêsko.

E o Ismael continuou a justificar a sua inocencia. Elle era pobre como rato de igreja, nada possuia, a não ser a proteção divina. Mesmo assim, não havia forças humanas que fizessem elle deixar de ser verdadeiro. Vivia quiêto no seu cantinho, a trabalhar com a sua tripe e seu tira-pé e, armado da sovela e do fio untado de cerol, esmerava-se em costurar as solas e gaspeas dos calçados; exultava em viver

sempre em paz com os homens, certo de que a sua consciencia não acuzava em contrario.

—Então você não é barulhento? indagou-lhe o Jayme.

—Sustento a minha palavra que não, respondeu. Agora, com a desculpa da Vossa Senhoria, o que eu não sou é cocada; não, senhor, para isso é que o meu genio não dá.

—Pois, meu amigo, retorquiu-lhe a autoridade, você é acuzado de ser provocador de disturbios, todos os dias, na praça da Alegria e de, ainda na noite passada, ter perturbado o socego publico, lá, com uma tremenda algazarra.

O Ismael recebeu um choque imenso pela perfidia. Veiu-lhe á mente imprecicar, mas conteve-se. Apenas retrucou:

—Saberá Vossa Senhoria que a calunia é a peor arma deste mundo de Deus, onde este põe e os homens dispõem. Eu não sou moleque, nem vadio, nem bebedo, sr. sub-delegado! disse manso, porém com orgulho, batendo no peito.

—E que me diz você duma historia do «Cócózinho», que se passou, alta noite, lá defronte da sua caza?

—E' a primeira vez que eu ouço falar

em tal nome, respondeu, com cordura.

O subdelegado sorriu. E na duvida se seria um paliativo a resposta, sentiu faltarlhe, por instantes, habilidade para interrogar o sapateiro, que tão inocente se mostrava, e pôz-se a manuzear, como que distraído, um grosso maço de papeis, uns autos, que tinha sobre a meza.

No pensamento do Ismael surtiu, então, por uma associação de idéas, a figura do seu amigo Clarindo, de estaca na quitanda, como a sua garantia. E como que raciocinando ser o dezespero o refugio das almas fracas, elle, que não era um cobarde, continuou a encarar calmamente a sua situação. E entrou a conjecturar:— Realmente ! tinham-lhe dado um nó bem seguro. Como sair-se dessa rascada ? Havia gente para tudo neste mundo. Era bem certo que quem vê a cara não vê o coração. Mas quem seria o dezalmado, o sujeito de ruim bófe, que tanto mal lhe tinha, a elle, que timbrava em pautar os seus atos pelo bem, para poder viver eternamente em paz com os homens ? Quem sabe se o levantador do aleive não fôra algum seu intimo, mesmo ? De mal agradecidos o inferno estava cheio. Via-se tantas coizas ! Fôsse feita a vontade de Deus !

Finalmente, o major tornou a encarar o denunciado e, resolutamente, falou :

—Então você nada fez e de nada sabe, não ?

—Eu ponho as minhas mãos ao fogo em como estou sendo vitima da maior calunia. Nada fiz, acredite Vossa Senhoria. A' noite passada, até me deitei bem cedo; nem serão fiz...

O Jayme Freitas, depois de perscrutar firmemente, por alguns instantes, a fisionomia serena e placida do Ismael, disse-lhe :

—Bem. Póde retirar-se...

—Então, disse o sapateiro, se Vossa Senhoria ordena, sou um seu humilde servo.

—Viva ! respondeu-lhe secamente o major subdelegado, que de novo se curvou a manuzear a papelada.

O Ismael desceu lépido as escadas e ao alcançar a porta, veio-lhe logo ao encontro o Clarindo, a indagar-lhe muito soffrego :

—Então ? !

—Estamos em paz com os homens ! respondeu tranquilamente o amigo.

—E com Deus também. Olha o arco da velha ! disse, ufano, o Clarindo, indicando ao colega o nacente, onde se ostentava, em

toda a sua esplendorosa beleza multicôr, o arco-iris.

A tarde fechava-se carrancuda e negra.

E os dois, providencialmente libertos da ação policial, atemorizados, pelo chuveiro que se mostrava iminente, demandaram, apressados, caminho de caça.

Duma morada proxima vinham os sons de alegres vozes de crianças, que arremedavam as cantatas pastoris, salmodiando, em côro:

Glória a Deus nas alturas,
Paz na terra, aos homens de boa vontade!

MENINO DEUS PERFEITO



No corredor da casa do Irineu Pinheiro—uma meia-morada, á rua do Norte—naquella noite, achavam-se instalados em redor duma meza, com um fotomobile ao centro, os cinco músicos que compunham a orquestra do baile com que o Irineu festejava o seu aniversario natalicio. Eram: o Botelho, no clarinête; o Jeremias, na rabeca; o Bragança, no piston; o Cecilio, no baixo, e o Zé Bernardo, acompanhando com o seu violão.

Terminára, havia instantes, a execução da valsa *Orestes*, composição do Evaristo Silva, que, naquella época, fazia furor nos bailes.

Do lado da rua da Misericórdia vinha um magote de moleques, entoando ataba-

lhoadas e dezafinadamente, o *Lá mesmo na Lapa*. Era um dos multiplos Reis da Bandalheira. E o povo que se apinhava na frente da caça do Irineu, convidados do sereno, abria álas ao grupo que passava, fazendo infernal algazarra.

Defronte, numa porta e janela, erguia-se um prezépio, o da velha Camila, uma crioula da Miritiba. Lá, já se havia rezado ladainha; e o capitulante pregára sobre a cerimonia da vizíta dos Reis a Belém. O homem estendêra-se mesmo, na sua dissertação, sobre a Epifania.

Fôra uma verdadeira injeção.

O Irineu, em caça, não tinha mãos a medir. O entusiasmo na sua festa era cada vez mais crescente e o homem multiplicava-se no carinho e conforto que prodigalizava aos seus convivas, em não pequeno numero. O licôr de tanjerina e as pastilhas de hortelã eram oferecidos ás moças dançantes. Sobre o peitoril da varanda, uma ancorêta com gengibirra distribuia aos machacazes cervêja marca Barbante, os vinhos de cajú e ananaz tambem estando á disposição para elles.

Na cozinha, o aromatico café enchia as chécaras, que eram logo sorvidas. A Cordolina, uma mulata, comadre do Irineu,

de cócoras, diante de um enorme alguidar, batia o chocolate, cadenciadamente. De quando em vez, o Candido Rebutalho, pilheriante, chegava e dizia : Ande com esse Chico-na-lata, *nhá* Cordolina ! E que sáia isso gostôzo, hein !

A mulata enfiava com a observação e soltava a lingua. Não queria amolação, nem mostramento. Havia muitos anos que ella batia chocolate, em festas,—senhoras festas !—e duvidava haver quem dissesse que chocolate batido por ella talhasse ou trouxesse gosto ou pixé d'ovos. Tinha consciencia do seu trabalho.

Na sala, os pares cruzavam-se e já soavam palmas para a prevenção da quadrilha.

Subitamente, entra o Manuel Severo, um dos convivas do aniversariante, e esbaforido, atordoado, ao extremo, anuncia que, cravando uma lança na Africa, conseguira a vizita dos Reis da Anna-Boi ao tugúrio do Irineu.

Este recebeu a noticia com prazer.

Era um achado; um meio de prender os dançantes até ao amanhecer, qual era o seu desejo ardente. Como já se tinha servido a primeira meza, a dos assados, elle rezervaria para mais tarde a segunda,

a de chocolate com doces e os Reis seriam fartamente obzequiados. E depois, considerava, a vizita não lhe traria prejuizo, pois onde comiam cinco, comeriam nove, forçosamente; era dogma e supunha elle que até consagrado no Evangelho. Era só reforçar o chocolate e torrar nova remessa de café, fazendo-se esta ultima operação, para evitar a fumaça, na caza da vizinha.

Acode-lhe, porém, um contratempo. O seu santuario, herança estimada da madrinha, estava em concôrto na loja do Rufino e os trez santos que nelle se encerravam jaziam na caza do Virgilio santeiro, reencarnados, aguardando a volta do santuario para serem bentos e tornarem á mansão.

Mas o Manuel Severo correu logo a arranjar um Menino Deus, taréfa que lhe não foi difficil, pois pouco tempo decorreu para que sobre a comoda do Irineu, antigo movel de anjico, belamente trabalhado, se encontrasse reclinada, entre odorifera murta e alvos jasmims, num enjenhozo altar, uma linda imajem do Filho de Deus.

O baile atroára novamente com fragôr.

O entusiasmo crecia incessante e as marcações das quadrilhas á janambura e á

moderna fazia os dançantes exultarem de contentamento.

Receando ser enganado, o Manuel, de quando em vez, ia á janela ou á porta, ancioso pela vinda do Reis.

Quatro faróis, precedendo enorme multidão, surjiram ao canto. Mas ainda não era o Reis esperado e sim o da «Perpetua», que parou, fazendo meia-lua, em continência á morada do Irineu.

A orquestra, no corredor, executou um hino, correspondendo á saudação do Reis da «Perpetua», que proseguiu na sua marcha.

O Manuel Severo estava já atordoado com a demora quando, indagando a um grupo de transeuntes pelo Reis da Anna-Boi, lhe responderam que o haviam deixado cantando em caza de Ezequiel, á rua Grande.

—Mas que desafôro ! invetivou. Ali, naquella Casa Brasileira, não havia um só Reis que não fosse cantar e, ainda por cima, a *nhá* Eulalia os prendia entre o cervêjame e a docaria ! E os outros que se amolassem, esperando ! Não podia ser. A noite de Reis era uma só, no ano, e todos tinham o direito de os ouvir cantar.



Estabelece-se, porém, vivo zum-zum.

O povo novamente se apinha na frente da caza do festejado. Os dançantes correm á janela, uns; enchem o corredor, outros. Era o esperado Reis que chegava.

O Manuel Sevéro recobra o animo e faz sinal para que todos estivessem a postos.

Conseguindo romper a multidão, o Reis estacou á porta.

Os instrumentos afinaram e as gargantas das cantoras concertaram com estridor, preambulando a execução. O Maia-buxo soprou com vivacidade o baixo, percorrendo todas as notas da escala.

A gorda figura da diretora do Reis surjiu á frente do grupo, e as vozes operaram :

Acordai, se estáis dormindo,
Deste sono em que estáis;
Menino Jesus não dorme:
Não é bom que vós durmais !

Entoando o cantico de saudação, o grupo deu entrada na caza do Irineu, bailando e cantando, alegre e entuziasmadamente, o estribilho :

Povos e Reis adorai,
E' nacido o Redentôr !
Que virá sofrer martirio
E morrer por nosso amor.

Diante do altar, repetiram solenemente a cantata de adoração.

Foi então, durante esse ato, que o Irineu ficou devéras contristado. Perscrutando, atentamente, imerso no fervor religioso, o aniversariante descobriu não ser uma imagem do Deus Menino a que ali se achava recebendo a vizita nos Reis, e sim uma estatuêta de *biscuit* representando Cupido e cuja seta substituiu, aos olhos de quem ainda não houvesse dado pelo engano, a bandeira que comunmente o Menino Deus traz á mão.

Só agora ao Irineu se deparava o que, com a presteza com que improvisára o altar, não lhe fôra permitido fazer.

O Manuel Sevéro, exprobrado, afirmou que fôra engano. Na caza onde fôra buscar a imagem do Messias, o santuario estava cheio de santos e a comoda tambem, assim como daquellas estatuêtas. Daí o engano, aliáz facil de dar-se.

O incidente ficou abafado, só transpirando a uma meia duzia de pessoas.

As cantoras foram fartamente obzequiadas, o Irineu não se furtando em chamar aos peitos, num abraço todo ternura, agradecimento e desejos de feliz Ano, a rechonchuda figura da Anna-Boi.

As duas orquestras, a do baile e a do Reis, reunidas, tocaram uma polka e o Reis retirou-se com a mesma solenidade com que entrou.

*
* *

No dia seguinte, na casa da Anna-Boi, as *rainhas*, comentando os epizodios e os resultados das vizitas, no dia anterior, a Hermenegilda dizia, ufana :

—Que Menino Deus perfeito, aquêlle da casa de *seu* Irinêu, na rua do Norte !

—Que beleza ! concordava a maioria das conversantes.

—Daquêlle, só em Braga ! falou, persuadida, a Anna-Boi...

O Natal do Rufino



Naquella noite era efervescente e febricitante o movimento por todas as ruas e praças.

A animação e o prazer mostravam-se rumorosos e estuantes.

Por todos os bairros a população aviventava-se e distendia-se pelo centro da cidade, correndo ao apêlo que, nas torres das matrizes e de outras igrejas, faziam os sinos, que badalavam festivos, anunciando, em clangorôzo repinicar, a missa do galo.

A lua, cheia, projetava luz fulgente, dèssa que só é dado observar-se nas regiões nortistas, e concorria para avivar ainda mais a alegria que, na sua máxima força, invadindo as almas dos crentes e descrentes, os empolgava.

Os devotos do Deus Menino davam os ultimos retoques nos seus prezópios, trançando com pericia o musgo, a murta e outras ramajens, aprestando-os com lustre e galhardia para a cerimonia da abertura, á meia-noite.

Numa caza, ao Ribeirão, o Manuel Peixe-Frito, em derradeiro ensaio, sujeitava e arreijmentava definitivamente a rapaziada, que compunha os seus pastôres, o qual se dividia em trez grupos, precaução por elle julgada indispensavel, afim de que a sua gente não dêsse fiasco, maximé nas moradas das pessoas da alta aristocracia, onde os mesmos pastôres se iam exhibir pompozamente.

No largo do Quartel, multidão compacta formava em redor do Raimundo Favinha, que, quase sufocado pela fumaça, encarando com seriedade a sua tarefa, enchia um balão, cuja acensão seria saudada pelos repiques na torre de Sant'Anninha e por um basta girandola de foguêtes, surprêza do Sodré, quitandeiro.

Naquella igreja tambem haveria missa de Natal, para o que o Carlos Côxo fizêra uma contribuição entre os moradores das cercanias.

Os bondes circulavam repletos e, pelos

modos, mostravam não ter pressa em recolher-se á Estação.

Quem não pudéra tirar o cõrpo para o folguêdo em algum sitio, na Ilha, estirava as pernas pela pela cidade. Uns, apinhavam as portas das ermidas ainda trancadas, outros se antecipavam na vizitação aos prezépios que porventura já estavam franqueados.

A caixeirada, os estudantes, ainda com a sávida recordação das representações pastoris, no ano anterior, em caza do Assunção, empenhavam-se vivamente para obter bilhetes de ingresso que, na noite seguinte, lhes permitissem assistir á dança dos pastores na caza do Alvaro.

Finalmente, reinava o bulicio e o zumzum. A mais franca alegria estalidava e della era prêza toda a população sanluizense, entregue ao estrepito, ao idílio e ao prazer, naquella feliz Vespera de Natal. Imersa num dôce e provocante gargalhar, saboreava-o com vivacidade crepitante, a refuljir com frenezi e delicia.

*
* *

O Rufino Azevedo, um rapaz atilado e pachola, de cabelos anelados, viajor entre

os trinta e tantos janeiros, que fazia garbo de possuir fóros de conquistador e se mostrava envaidecido do seu porte esbelto, nessa noite estava nas suas quintas maravilhozas.

Em luta consigo mesmo para se decidir em quantos se transformaria, de modo a corresponder aos multiplos convites com que o haviam honrado para as festas naquella Vespera de Natal; noitante em casa das Nogueiras e dos Mesquitas, padrinho do prezépio do mestre Silverio, ao Apicum, e a noiva, noitante no prezépio do Romão Padeiro, á Fonte das Pedras, o pandego Rufino, adurente e abrazado por uma forte cervejada, em companhia duns amigos, no botequim do Herméto, eram já onze horas, —rezolveu-se a tirar á sorte o folguêdo a que compareceria, tantos eram elles.

E numa das mezas, ao lado dum dos bilhares do botequim, o Rufino, abrindo a carteira de mortalhas, com um lapis foi escrevendo, em cada folha, o nome duma das brincadeiras que se lhe deparavam a tomar parte, naquella noite.

Feita a inscrição e cuidadosamente enrolados os papezinhos, um dos caixeiros do Herméto, tirou a sorte.

O papel escolhido rezava—*Apicum*.

Mas era para lá mesmo que o seu coração lhe pedia fosse, era por aquelle céu aberto que a sua passarinha batia, que o seu peito se sentia irrezistivelmente atraído. Era no florejante prezépio do mestre Silverio que a roza respirava, que se soletrava coati com L. Lá, naquelle aprazível e majestozo bairro do Apicum, a gente se sentia como que outra, mais á vontade, esquecendo-se por completo de que estava neste mundo e antevendo-se no mais biblico e excelso Paraizo.

Quando envolto nessa facinação se achava o Rufino, eis que o seu pensamento se perturba. E a d. Mariazinha, a noiva, lembrou-se,—uma viuva simpatica e cheia de encantos, que ainda não trintára—que áquellas horas o esperava no prezépio do Romão Padeiro?! Como dezevencilhar-se daquella a quem adorava, a quem, em holocausto, oferecêra o seu coração?

Ir ao Apicum, para aonde a propria sorte o impelia, era faltar ao compromisso sincero de assistir os festejos da noite da sua prezada noiva, á Fonte das Pedras. Mas aqui bem que poderiam dispensar a sua presença; era a primeira vez que o convidavam e, se o fizeram, disso estava elle convencido, fôra certamente em considera-

ção á dona Mariazinha. Ao passo que, no Apicum, o mestre Silvério, seu compadre, o tinha como figura obrigatória e insubstituível, todos os anos, na cerimonia da abertura do prezépio e, na papança da meia-noite lhe rezervavam sempre a cabeceira da mēza e o solene encargo de trincar os leitōis e demais assádos, o que elle fazia revelando uma certa pericia, por entre pilherias atiradas ao mulatãme que comparcia ao folguêdo, arrebanhado pela cazeira do mestre Silvério.

Eis, porém que uma idéa se lhe sujere e elle, sem perda de tempo, a põi em prática.

Aprendiz algo adiantado de flauta do Chico Briones, o Rufino encaminhou-se para caza, refez o traje, remirou-se e, tomando a caixa do instrumento, dezarmou e colocou este dentro.

Num pulo se achou na caza do Romão, onde a noiva o esperava anciozamente, á janela. Admirada de o ver com a caixa da flauta, a dona Mariazinha inquiriu-o logo. E elle, com a resposta já engatilhada, disse-lhe:

—Só a mim acontece destas ! Fui pegado de sopetão para ir, agora, ao Apicum, tocar numa ladainha, eu, que mal arranho na flauta !...

—Mas sempre é bom, para ir praticando, retorquiu-lhe meigamente a noiva. E, além de tudo, como é para servir a Deus... objetou, consolada.

—Sim, considerou o Rufino, bom seria se fosse sómente ladainha! Estou vendo é que a coiza emenda com baile, e não sei a que horas terminará!

A dona Mariazinha, que já não era a primeira vez que pegava o noivo com a bôca na botija, compreendeu que ali havia artimanha. Mas, sem dar-se por entendida, convidou-o a entrar. O Rufino obstinou-se, mas ella insistiu: —Que entrasse e se servisse, ao menos, dum copo de cervêja ou duma chicara de chocolate.

Depois de muita relutancia, o seu futuro marido accedeu, entrando quaze que puxado pelos braços do Romão e da viuva, a qual lhe tomou o chapéu, a bengala e a caixa da flauta.

O Rufino mal teve tempo de contemplar o prezépio e os salões, artisticamente enfeitados, da caza em que a sua noiva era noitante. Serviu-se dum copo de cerveja «Babilonia Brau», marca que, naquella época, dava as cartas, e limpando a espuma que lhe embranquecêra o bigode, o flautista despediu-se dos donos da caza e,

quartos da sua agressôra, que rolou por terra, bramejando.

O flautista abriu de carreira, escafe-dendo-se, antes que a Joaquina, reerguen-do-se, tomasse a reprezália. Uma pedra, arremessada por ella, atinjiu a caixa da flauta, mas elle deitava a correr, distanci-ando-se cada vez mais da mulherzinha.

Buscando aceleradamente o rumo da sua morada, á rua Direita, ali chegou ar-fante, atordoado. Abriu o trinco da porta, enfreneziado e com formidando ruído. Atirou para um canto aquelles trambôlhos —caixa, chapéu e bengala,—despiu-se ner-vozamente e deitou-se

Rufino Azevêdo quiz conciliar o sono, mas não o conseguiu.

Duma caza perto vinham os místicos e orquestricos sons duma cantata de pastô-res. Os tétricos sinos de São Pantaleão soavam com vivacidade, sinalando a missa da madrugada. Na rua, continuava o bor-borinho, tal qual no principio da noite, sempre enorme e profundo, radiante e cheio, resaltando o sonoro bandolinar dos violões e os cantares dos trovadores de esquina.

E o sono fugia do Rufino, como elle fu-jira da Joaquina.

As cornêtas e os tambôres, nos quartes, saudaram a alvorada do dia de Natal.

A essa hora, ainda o desventurado conquistador se revolia no leito, fumando cigarros uns sobre os outros para dissipar as mágoas e chamar o sono. Mas era de balde. Milhares de pensamentos lhe acudiam ao cerebro, entre os quais o de que era muito certo o adajio—Bôa romaria faz quem na sua caza está em paz.

Mas elle fôra o provocado ! considerava. Que culpa tinha daquella endemoninhada o perseguir ? Deixassem estar, porém, que ella lhe pagaria, e com juros.

Chamar-lhe nambú de cheiro e flautista côfo-roto, crisma-lo e, ainda em cima, apedreja-lo ! Não, isso não poderia ficar assim; haveria de calcar-lhe um processo ás costas ! Só se Deus não fôsse Deus ! Feitiço é como renda, quem não o sabe encomenda. Era lá sério elle passar assim estupidamente o resto da Vespera de Natal, enclauzurado, sem folgar nem dormir ! Ah ! sua Cara de Bófe, abençoado o que te poz tão bem apropriada alcunha !

Mas a manhã crecia opulenta de beleza, uma restôa de sol indo iluminar-lhe a

cama, que elle, rezoluto, abandonou com asco.

Procurando esquecer-se do fato da noite ultima, que tanto o acabrunhára, o Rufino, depois de frugal almoço, foi levar as Bôas Festas á noiva; ia com o firme proposito de abreviar a realização das suas nupcias e, por essa fórma, pôr um paradeiro ás constantes perseguições que lhe movia a ex-amante.

Muito lampeiro, trajando terno de brim branco, apresentou-se diante da viuva, na residencia desta e, oferecendo-lhe um vidro de extrato *Azurea*, disse-lhe :

—Estimo que tivesse Bôas Festas, assim como a sua bôa familia !

—Da mesma fórma ! retorquiui-lhe a dona Mariazinha, acrescentando que estimava que dos exercícios na flauta, em a noite antecedente, elle muito houvesse aproveitado.

—Obrigado, respondeu; sempre aproveitei alguma coiza...

—Mas venha cá, diga-me uma coiza,— falou-lhe matreiramente a noiva : Em que flauta você tocou ?

—Ora que pergunta ! Então não foi a minha santa mesmo quem ma entregou, na competente caixa ?

A viuva foi buscar o instrumento e o apresentou ao noivo.

O Rufino, perplexo e atonito, mordicou os beiços, confrajido ao extremo.

Enquanto, na vespera, na caza de Romão, elle bebia o copo de cerveja, a sua espirituoza noiva abrira a caixa e tirára o instrumento, do qual, está claro, elle não déra por falta, uma vez que se lhe não fazia necessario.

Naquelle torpôr em que se achava enovelado, o trampolineiro outro remedio não teve senão confessar a culpa. E, como que para redimir-se de muitas outras, fez a viuva confidente de todos os seus dissabôres, recentes e remotos e, á meza do jantar, no consolador aconchêgo da prestante familia da dona Mariazinha, proclamou o seu casamento para daí a quinze dias.

E por esse modo Rufino Azevêdo punha um corretivo á sua vida de estroina, naquella idade, já algo madura.

No intimo d'alma o noivo bemdizia agora a Vespera de Natal, que para si fôra a sinfonia duma nova vida, toda rejeneração e trabalho, com que elle, papel-queimado, entrava no rol dos homens de bem.

Pastôres gorados





Dona Cezaltina Rodrigues, depois que perdêra o marido, Silvério Rodrigues, proprietário de carros de condução, morto duma pneumonia no Icatú, onde com ella fôra espairecer, retraíu-se do convívio de suas inumeras amigas, passando a rezidir numa casa ao largo de Santiago.

Rendas deixára-lhe elle suficientes para viver com decencia: umas cazinholas e ações bem cotadas na praça.

Durante anos, a dona Cezaltina meteu-se lá p'ra aquêlles confins da cidade, sem dar novas de sua pessoa.

O Jorge Caetano, seu compadre e do marido, constituíra-se seu bastante procurador; cobrava os alugueis das casas, recebia os dividendos dos títulos, dirigia, enfim, os negocios da viuva.

Um belo dia, porém, esta resolveu-se a mudar de vida. Que diabo ! considerou consigo mesmo. Ella não se queria tornar a cazar; lá isso não. Jurára, sob confranjedor pranto, junto ao cadaver do Silvério, que se conservaria viuva. Mas o que não tinha jurado era deixar-se sepultar viva ali, isolada, a olhar diariamente as mesmas cazas e caras, haurindo os mesmos ares. Portanto, ia reatar as suas antigas amizades, vizitar e pedir retribuição, fazer novos conhecimentos. De fórma alguma proseguiria naquella vida de retraimento, de lassidão, com as relações circunscritas a uma meia duzia de pessoas. Demais, os seus quarenta janeiros, que era a quanto montava a sua idade, não eram traídos pelo seu rosto, ainda todo frescor e sorrizos e pelo seu corpo, de porte altivo e gracioso.

Levada a efeito a resolução, não se demorou muito tempo para que a roda do tempo do marido passasse a frequenta-la de novo, não medindo a distancia em que a sua caza ficava situada.

Num dos passeios noturnos que empreendeu, a d. Cezaltina ouviu, numa caza, a cantata de pastôres a ensaiarem já para o Natal, que se aproximava.

Isso despertou-lhe dôces recordações

do tempo em que ella servira de Guia, nos pastôres em caza das Nobrega, ao Caminho Grande, e no baile de S. Gonçalo, que o Malaquias déra, num sobrado ao Desterro, antes da Abolição.

E fôra nas representações em caza das Nobrega que o seu porte esbelto e a sua voz dulçuroza provocaram o amôr do Silvério por ella, concluindo pelo consorcio.

Ao tornar á caza, a viuva trazia firmada a rezolução de promover tambem, no seu «modesto tugurio», uma dansa de pastôres. Nessa mesma noite, falou ao compadre, expondo-lhe os seus planos, que foram por elle aprovados.

No dia seguinte, logo cêdo, ella ganhou o brêdo, a aliciar crianças.

A' tarde, quando regressou do centro da cidade, tinha tudo arranjado. Dezeses gentís meninas estavam ás suas ordens.

O Miguel Marques, a pedido do Jorge, arranjou a versalhada, e o Leocadio Souza a muzica, devidamente instrumentada.

Aparelhadas as coizas, com rapidez, foi marcado para o primeiro domingo o inicio dos ensaios. De fato, nessa noite se reuniram as pastoras. Feita a seleção das vózes, distribuiram-se as personagens principais : Pastor-mestre, Pastôra-mestra, Galôgos,

Anjo, Florista, Pastôrinha, Contra-guia e chefes de grupos.

O papel de Guia foi distribuído á Maximiana, a Maxi, uma moçoila de dezoito anos, afilhada e cria de estimação da d. Hermenegilda, uma respeitavel matrona, amiga de d. Cezaltina e, como esta, tambem viuva, e que morava na vizinhança.

Combinados os dias de ensaios, trez vezes por semana e aos domingos, assim se cumpriu, de modo que ao quinto ensaio a criança já tinha na ponta da lingua cantatas e versos.

A' proporção que se ia aproximando o Natal, tornava-se crecente a concorrência á caza da recatada viuva, que exultava de vêr aquella movimentação de gente e o alacre tagarelar da meninada. Sempre depois do ensaio, nos dias de semana, corria o café e, aos domingos, o saborozo netar vinha reforçado com bolachinhas. E ainda, quando Deus queria, um licorzinho era pôsto á disposição do pessoal, — convidados e os da parentela das crianças, que as acompanhavam.

O Jorge exercia com proficiencia as funções de diretor de cena e ensaiador.

A Maxi, o Guia, ia para os ensaios acompanhada pela madrinha e pelo namo-

rado, o Jóca, um rapaz muito bem parecido, oficial de carpina, que falava em cazar-se daí ha dois anos. O mano tinha já entrada na caza e, aos domingos, filava manhozamente o almoço da d. Hermenegilda, contava-lhe umas rodélas e, para ser ainda mais agradável á Maxí, tratava aquella por Din-dinha.

Na ante-vespera de Natal, a d. Cezaltina, acompanhada dum rapazóte, percorreu as moradas das pastoras, a indagar se estavam prontos as vestimentas e calçados e a providenciar sobre mais uma ou outra coiza que se fazia mister. Na funilaria do Cardozo, recebeu os pandeiros e adufes encomendados; na marcenaria do Eloy, foi buscar o cajado para o guia e as castanholas para as meninas do cordão feminino; na caza das Beleza, recebeu os arcos confeccionados com arte e requinte. Tudo acondicionado, numa cêsta colocada na cabeça do rapazote, este seguiu gingando á frente da viuva.

Dêsde a noite anterior, ficára armado o prezépio. Erguido ao centro da varanda, ocupava toda a parêde do fundo, á esquerda de quem entrava. Era um prezépio completo, a ultima palavra.

Não comêra pouco dinheiro, mas esta-

va um brinco. Facinava a todos que tiveram a primazia em contempla-lo.

Lateralmente, formava dois arcos, destinados, um, para a aparição do Anjo e, outro, para a saída do Guia.

Precizamente na tarde do dia do ensaio redondo, cujos preparativos já estavam terminados, a dona Hermenegilda, num ligeiro bilhete, mandára dizer á amiga que não contasse mais com a Maxi, nem só para o ensaio como também para as representações. A razão, mais tarde ella lhe diria pessoalmente. O bilhete concluia pedindo á d. Cezaltina que fosse indulgente e não fizesse da sinataria juizo temerário.

Facil é calcular-se o desapontamento de que ficou prêza a viuva. Aquella comunicação vinha derruir todos os seus sonhos, vinha borrar toda a pintura.

Mas a dona Hermenegilda era séria, e a proibição da Maxi proseguir nos seus pastôres tinha motivos justos, certamente, e ella mostrava-se escrupuloza em exigir da amiga que puzesse os pontos nos i i.

Em todo o cazo, era uma rata tremenda não se fazer a representação.

Com o papelucho amarrotado, entre os dedos, dona Cezaltina esteve um tempo a cismar como sair-se daquelle embrulho. E

não se lhe deparando nenhum meio, entrou a bramar, possessa: Tinha lá geito ! Então logo na ante-vespera, no dia do ensaio redondo ! Quem poderia substituir a Maxi num papel tão difícil e de tamanha responsabilidade? A Contra-guia estava a calhar, se não fôsse a sua pequena estatura; a Pastôra-mestra daria conta do recado, mas não só deslocaria o cordão, como apresentava o mesmo obice da Contra-guia, falta de estatura; a Florista, tinha boa voz, era certo, mas não se amoldaria ao novo papel. Finalmente, a Maxi era insubstituível. O verdadeiro era cortar a coiza pela base: Suspender as representações. Que diabo era gorar uma festa! considerou.

E sem estar mais para duas conversas, despachou o rapazóte da cêsta com um recado circular aos pais e parentes das pastôras, comunicando-lhes não haver mais a dança, por motivos justos. Em todo o cazo, acrescentou no avizo, o prezépio estava franco á vizitação, todas ás noites, dêsde a do Natal.

Enquanto o pequeno percorria a dar a triste nova, a viuva Cezaltina voltou novamente a dormir sobre o cazo. Queriam vêr que era imposição do Jóca, que talvez se enciumasse da namorada ter de deixar vêr

imaginario, que entrára na festa como Pilatos no crêdo.

O verdadeiro motivo, sabia ella : era a falta de bôa vontade ou, por outra, o obedecer cegamente ás ordens do noivo ou namorado.—Mas, concluia, estou-lhe até agradecida; ao menos poupou-me a consumição, a maçada de labutar com crianças.

—Pois, comadre, então você está ainda grêga na historia. O espartilho, é exato, comprimia, mas não evitava.—E, dando tom solene á voz, chegou ao fim : A Maxi está de esperanças !

—Que me diz, compadre ? ! gritou a dona Cezaltina, erguendo-se livida e transmutada.

—E' o que lhe digo, comadre. Essa que vinha servir de Guia nos pastores foi guiada para máu caminho. E é para breve a coiza...

O compadre Jorge acabava de estar na caza de dona Hermenegilda, tendo lá ido indagar, para satisfazer a sua curiosidade, da verdadeira cauza da retirada da pequena.

A pobre senhora o recebera entre prantos de cortar o coração e lhe confessára a infelicidade da afilhada. E o peor era que se não podia reparar o ato, pois o Jóca, o delinquente, azulára para lonjinhas terras.

E fôra precisamente por isso que a Maxi descobrira o segredo.

E o Jorge continuou a descrever á viuva a impressão de dôr que lhe cauzou a vizita. Antes elle lá não tivesse ido.

Toda a caza se encontrava já no rebo-
liço de quando se esperava gente nova. Um
marceneiro armava, apressado, a cama, e
a Maria Caixeira já se tinha instalado na
caza, a relancear de quando em vez os seus
perscrutadôres olhares pela futura partu-
riente.

A dona Hermenegilda lastimava-se e
confessava-se arrependida de ter dado
muitas azas á Maxi, «essa ingrata» que lhe
não soubêra recompensar os carinhos e des-
vêlos que ella lhe progalizou. Era o pago
que se recebia, ao fim de tantas consumi-
ções. Ella nem tinha coragem de encarar
com a dona Cezaltina. Que não diria esta,
que juizo temerario não faria de si, do seu
caráter?

—Mas, então, a Hermenegilda estava
assim tão céga que não encher-gava a afi-
lhada de tambôr? Você acredita mesmo
nisso, compadre? indagou a viuva.

—São coizas, comadre.

E, pondo a mãos a cintura, com um
sorrizo motejante a desprender-se-lhe dos

labios, a dona Cezaltina encarou firmemente o Jorge e considerou:

—De modo que, compadre, se o tal do Jôca não arriba, a Maxi dansava de Guia dos meus pastôres e....

—O espartilho comprimindo sempre...

—...ningem dava pela coiza!

Subito, porém a viuva transfigura-se: um clarão de alegria iluminou-a toda; e, num alanceamento de gratidão, ergue para os céus as mãos justa postas num misticismo consolador. E exultou de contentamento.

Como ella era feliz! Goraram os pastôres, mas fôra salva a reputação de quinze crianças, quinze inocentes.

E bendizendo aquella arajem benigna que ella sentia, no momento, entrar pelas janelas, estendeu a mão amiga ao compadre e, deixando-o alheiado e pensativo, na sala, correu á varanda, onde as vizitas já reclamavam a sua presença.

Sentou-se bem na frente do prézepio e fitou, por instantes, o Deus Menino. E concentrando todo o seu fervor religioso, do intimo de sua alma enviou uma prece de agradecimento ao Salvador, por ter feito dissipar a mancha que enodoaria os seus pastôres, sea bomba só arrebentasse depois das representações.



Na noite de Ano-Bom, a cidade regorjitava de ruidos e a dona Cezaltina estava com a caza repléta.

Diante do prézepio, ocupando a frente da multidão, as quinze crianças que iam representar os pastôres, de joelhos em terra, cantavam, num efervecimento casto e majestozo, e davam graças a Deus por ter a Divina Providencia desviado aquella desmoralização de que estiveram ameaçadas.

O Jorge tirava os versos e a petizada os entoava santa e biblicamente, repetindo com candura e unjida de Fé a estrofe

Graças a Deus,
Louvemos a Deus!
No céu e na terra,
Louvado sêja Deus !

Penetrante e acre odôr de alfazema vinha da vizinhança aumentar fortemente o do benjoim e incenso, que se desprendia pela sala do prezépio.

Era que, precisamente a essa hora, ali perto, na caza da dona Hermenegilda, a Maxi dava á luz o seu primojenito, um rapagão vivaz e rechonchudo, que, em homenagem á data e á sua genitôra, recebeu o nome de Maximiano da Circuncisão.

Índice

<i>O prezépio do Nicoláu</i>	<i>7</i>
<i>Em paz</i>	<i>17</i>
<i>Menino Deus perfeito</i>	<i>29</i>
<i>O Natal do Rufino</i>	<i>39</i>
<i>Pastôres gorados.</i>	<i>55</i>



No prélo:

SELECTA MARANHENSE OU
coletanea de trechos em pro-
za e em verso de 45 escrito-
res filhos do Maranhão, pre-
cedidos da respectiva bio-
bibliografia completa.

1 gr. volume cartonado,
com retratos e gravuras.

